

# Violência simbólica na área de Tecnologia: análise de relatos de alunas em um curso de Engenharia de Computação

Kamilla Taiwhski B. Silva<sup>1,2,3</sup>, Ildenê F. S. Mota<sup>1,2</sup>, Viviane A. Santos<sup>1,2,3</sup>

<sup>1</sup> Campus Universitário de Tucuruí (CAMTUC), Universidade Federal do Pará (UFPA)  
CEP: 68.455-695 – Tucuruí – PA – Brazil

<sup>2</sup>Grupo de Pesquisa Educação pela Práxis (E-Práxis), CAMTUC/UFPA

<sup>3</sup>Projeto TechManas, Faculdade de Engenharia de Computação, CAMTUC/UFPA

kamilla.silva@tucuruui.ufpa.br, {ildenemota, vsantos}@ufpa.br

**Abstract.** *Discrimination against women in computing occurs in several ways. Female student reports were collected to analyze the inequality present in the speeches of male teachers and students of the course. The mapping of these gender bias occurrences contributed to the evolution of a taxonomy proposed for this purpose. We also hope that this study contributes to raising awareness and transforming this scenario.*

**Resumo.** *A discriminação de mulheres na computação acontece de diversas maneiras. Relatos de alunas foram coletados para analisar a desigualdade presente nas falas de professores e alunos do curso. O mapeamento destas situações de preconceito de gênero contribuiu para a evolução de uma taxonomia proposta para este fim. Espera-se que este estudo contribua também na sensibilização e transformação deste cenário.*

## 1. Introdução

Os desafios postos à mulher que faz uma escolha por cursos que historicamente foram associados ao universo masculino são inúmeros e envolvem diferentes formas e manifestações de preconceito, discriminação e reafirmação de estereótipos relacionados a questões de gênero. O ambiente acadêmico nessas condições produz segregação, desigualdade e exclusão, afetando a autoestima de ingressantes em cursos das ciências exatas e tecnologias, levando-as ao abandono dos cursos [Silva *et al.* 2020].

Nesse contexto, a opressão de gênero nesses espaços produz um ambiente inóspito e cria mecanismos de aceitação de padrões discursivos para legitimar práticas excludentes baseadas nas relações de gênero. Essa estrutura perversa mascara formas sutis de violência simbólica nas relações entre homens e mulheres. O conceito de violência simbólica [Bourdieu 2002] é fundamental para explicar a aceitação das práticas de preconceito de gênero em espaços sociais, como a universidade, uma vez que naturaliza processos que são historicamente construídos. Este conceito está intrinsecamente relacionado a outro: o poder simbólico [Bourdieu 1989]. Ambos dizem respeito a formas invisíveis de poder que levam a uma dominação consentida, sem que exista a consciência disto. O poder e a violência simbólicos são exercidos de tal forma que quem os pratica/sofre não consegue perceber a aceitação das estruturas dominantes que sustentam, neste caso, a dominação masculina.

Estudos que abordam gênero e ciências exatas, especificamente em cursos da área de tecnologia, têm confirmado essa realidade que influencia negativamente na trajetória das mulheres nessa área, como resultado das relações desiguais entre os sexos [Silva et al. 2020; Ramos e Figueiredo 2018; Mello, Melo e Ferrão 2019].

Com a finalidade de intervir em cenários como este, o projeto de extensão TechManas, vinculado ao curso de Engenharia de Computação (EC) da UFPA/Campus Tucuruí, atua no sentido de promover ações que favoreçam a escuta coletiva, a disseminação de conhecimentos sobre a área para a educação básica a fim de estimular o ingresso de mulheres no curso, bem como outras atividades que contribuam para o empoderamento feminino e o reconhecimento de práticas sexistas e machistas no ambiente acadêmico.

Como consequência dessas ações, foi realizado um estudo de caso para a obtenção de relatos através de questionários aplicados às discentes do curso (ingressantes e egressas) contendo perguntas sobre gênero. A discussão dos dados resultou no mapeamento de tipos de preconceito de gênero ocorridos no curso. O objetivo deste estudo é gerar reflexão da comunidade acadêmica e científica sobre a materialização da desigualdade presente nas práticas de professores e alunos no curso. Espera-se que estes testemunhos contribuam para a sensibilização e transformação dos cenários acadêmicos frente à violência gerada pelo patriarcado.

O diferencial deste trabalho é uma proposta de evolução da taxonomia de Ramos e Figueiredo (2018) que analisa preconceitos de gênero na área. No mapeamento dessas situações existentes no curso de EC do campus foi possível incluir 3 classes de preconceito de gênero: “Machismo e sexismo”, “Segregação feminina” e “Religiosidade”; e alterar a classe “Desqualificação profissional” para “Deslegitimação feminina”, a qual engloba três subclasses, reposicionando “Manipulação psicológica” neste nível. As melhorias sugeridas perfazem 7 classes e 4 subclasses de categorias, as quais também convergem para os estudos já mencionados.

O texto segue organizado por seções da seguinte forma: (2) discute os estudos relacionados à temática proposta; (3) contextualiza o curso de Engenharia de Computação; (4) descreve a metodologia da pesquisa; (5) apresenta os resultados e discussões e; por fim, (6) apresenta as conclusões e trabalhos futuros.

## **2. Estudos relacionados**

As pesquisas que envolvem as relações de gênero no âmbito acadêmico são de extrema importância para a identificação de problemas e definição de métodos para resolvê-los. Sabe-se que as discriminações que as mulheres sofrem na área de Tecnologia da Informação (TI) são praticadas tanto durante a graduação, como no mercado de trabalho [Oliveira et al. 2017]. Questionamentos sobre a capacidade e a competência das mulheres e os estereótipos a elas atribuídos são algumas das atitudes comuns que podem acabar desanimando as poucas mulheres que atuam nesta área [Silva et al. 2020]. As pesquisas também apontam que a falta de conhecimento sobre os cursos de TI e a pouca representatividade feminina contribuem para a baixa quantidade de mulheres ingressantes nos cursos de tecnologia [Amaral et al. 2017].

No estudo de Ramos e Figueiredo (2018) é feita uma análise sobre os preconceitos enfrentados por mulheres na área de TI, identificando as categorias que envolvem as discriminações de gênero, são elas: a objetificação feminina; a

desqualificação profissional; o *gaslighting*, que é a tentativa de deslegitimar discursos femininos; mitos e estereótipos; a misoginia; o *slut-shaming*, que é uma forma de estigmatizar mulheres, seja pela aparência ou comportamento; o *bropropriating*, que é a apropriação pelo homem de uma ideia que originalmente foi criada por uma mulher; e o *mansplaining* que é o ato de homens explicarem coisas óbvias para mulheres ou coisas que elas já sabem e/ou têm o domínio.

Os sentimentos de insuficiência e desmotivação acompanham até mesmo as mulheres que têm um bom desempenho durante os cursos relacionados às áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) e que se identificam com estes [Amaral et al. 2017; Bloodhart et al. 2020]. Os estereótipos de gênero são problemas culturais reproduzidos por docentes e alunos, através de comentários machistas e tratamento diferenciado, o que gera um desconforto e sentimento de não pertencimento e isolamento por essas alunas [Silva et al. 2020].

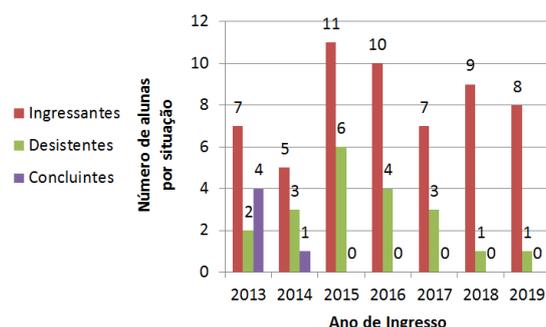
Os estudos mencionados, portanto, são reveladores da existência de uma estrutura patriarcal que sustenta práticas discriminatórias de gênero reforçadas pela lógica da dominação masculina, convergindo com os pressupostos teóricos de Bourdieu (1989; 2002).

### **3. Engenharia de Computação na UFPA/Campus Tucuruí**

O Campus Universitário de Tucuruí é caracterizado por ser um campus de engenharia. Desde 2010, oferece cursos regulares de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica; e desde 2013, oferece Engenharia Sanitária e Ambiental, e de Computação. De 2013 a 2019 foram registradas 335 matrículas de discentes em EC. As turmas de 2013 e 2014 já foram concluídas e a de 2015 está em fase de conclusão tardia devido à pandemia.

A Figura 1 ilustra o número de ingressantes, desistentes e concluintes do sexo feminino. As ingressantes constituem 17,01%, o que se aproxima do índice nacional de 15% [Lobo 2016]. É possível identificar que as mulheres não ultrapassam 25% em representatividade por ano de ingresso no curso, que é o caso do ano de 2015, o que reforça o cenário de minoria tanto no curso, quanto no próprio campus. Outro aspecto recorrente é a evasão, das 57 mulheres matriculadas, 20 desistiram do curso, o que representa 35,09%, sendo que apenas 5 concluíram, restando 32 mulheres para integralizar a graduação. A taxa de evasão geral de discentes do curso por ano de ingresso se aproxima de 50% para as turmas concluídas (2013 e 2014) e para a turma prestes a concluir (2015), é de 40%, revelando-se um cenário preocupante quanto à análise da taxa de sucesso do curso, sendo a mais baixa do campus, 12%. Nesse contexto, a situação das alunas também se apresenta séria e digna de pesquisas.

Diante dessa realidade, desde 2019, foi criado o TechManas no campus, que é parceiro do Meninas Digitais da SBC, com o objetivo de realizar ações para aumentar o ingresso de meninas do ensino médio nos cursos de EC e minimizar a evasão das alunas deste curso. Este projeto busca acolher, incentivar e estimular alunas da graduação e do ensino fundamental e médio da Região do Lago de Tucuruí, a fim de despertar o interesse vocacional das alunas através do contato com a área da Computação, dando suporte emocional e educacional para as discentes por meio de atividades e eventos sobre empoderamento feminino, parcerias com empresas para estágios de mulheres na área, etc. O propósito é gerar conscientização e a viabilização de suas carreiras na área.



**Figura 1. Alunas de 2013-2019 por sexo. Fonte: CIAC (2020).**

#### 4. Metodologia

Realizou-se um estudo de caso com o objetivo de mapear situações de preconceito de gênero ocorridas no curso a partir de relatos das alunas. A questão de pesquisa consiste em “Como ocorrem os preconceitos de gênero no curso de EC do CAMTUC na percepção das alunas?”

Os relatos foram analisados com base nas categorizações propostas nos estudos relacionados (Seção 2) e permitiram propor uma atualização da taxonomia de Ramos e Figueiredo (2018), bem como provocar reflexões na comunidade acadêmica e científica sobre as ocorrências de desigualdade de gênero presentes nas práticas de professores e alunos em cursos de tecnologia, a fim de possibilitar a transformação de cenários acadêmicos opressores.

As etapas conduzidas nesta pesquisa foram: (1) busca de trabalhos relacionados; (2) criação de um questionário on-line adaptado de Souza (2017); (3) envio do mesmo para o e-mail das egressas e alunas do curso, assim como por aplicativos de mensagens instantâneas; (4) por fim, foi realizada a análise dos relatos coletados, utilizando-se a técnica de análise de discurso (AD) [Pêcheux 2011]. O mapeamento realizado considerou duas propostas de análise de preconceito de gênero [Stocker e Dalmaso 2016; Ramos e Figueiredo 2018] apropriadas para o nosso cenário.

#### 5. Análise dos relatos das alunas

O questionário foi enviado entre 02-04/2021, e as respostas eram anônimas. Coletou-se 25 relatos que correspondem a 54,35% do total de mulheres ativas no curso, sendo 1 relato de egressa e 24 de alunas do curso. As alunas que responderam eram de diferentes anos de ingresso. A maioria das respondentes é do turno da tarde (58,3%). A maioria (62,5%) não tinha conhecimento prévio do curso, porém tinha apoio da família (83,3%).

Na análise do discurso foi realizada a separação das sequências discursivas (SDs), sendo obtidas 182 SDs, separadas nos seguintes tipos de comentários: 24,73% de preconceito de gênero, 30,76% de dificuldades no curso, 15,93% de percepções sobre diferença no desempenho, 14,84% de fatores influenciadores na desmotivação/desistência do curso e 13,74% de recomendações de melhoria. Após, as SDs foram mapeadas e classificadas por tipo de preconceito de gênero.

Algumas categorias teóricas são centrais para o processo de AD na perspectiva peuchetiana, dentre elas, destaca-se as condições de produção. Para a AD a essência do sujeito do discurso é ideológica e histórica, logo, seu dizer é determinado pelas condições de produção. Essas condições referem-se à contextualização dos discursos,

isto é, quem, para quem e por que o produz; a formação ideológica circunscrita nessa produção e os objetivos a serem atendidos [Pêcheux 2011]. Posto isto, verifica-se que o lugar de produção dos relatos é um ambiente acadêmico universitário de engenharias constituindo-se num *locus* em que a problematização de questões fulcrais para o pensamento crítico é praticamente ausente, conforme demonstram os estudos mencionados nesta pesquisa.

Como consequência dessa realidade, observa-se a reprodução de práticas e discursos carregados de significados e manifestações do poder e da violência simbólicos [Bourdieu 1989; 2002], tal como expressas nas SDs dispostas abaixo em acordo com as classes e subclasses de preconceito de gênero identificadas.

### 5.1 Mitos e estereótipos

Desde a escolha do curso, mulheres sofrem com mitos e estereótipos construídos na sociedade e que são reforçados por familiares, amigos, professores e colegas de turma:

[SD100] “(...) que era um **curso de homem**, e que eu não ia conseguir por ser muito difícil.” (Ingressante de 2020)

[SD23] “(...) em uma das vagas de estágio oferecidas (...) sabíamos que a vaga era **"masculina"**, a justificativa era que precisava passar **cabo e carregar equipamentos**, sendo que não é uma justificativa plausível, componentes computacionais (padrão) não costumam pesar e passar **fiação** qualquer pessoa passa.” (Egressa de 2013)

Os recortes exemplificam a naturalização de processos socioculturais e historicamente construídos que atuam para legitimar a dominação masculina, como resultado de mecanismos simbólicos de violência [Bourdieu 2002], e agrupam 15 SDs nesse núcleo discursivo atravessando 2 tipos de comentários das alunas: *preconceito de gênero e dificuldades no curso*.

### 5.2 Machismo e sexismo

O machismo é o comportamento de corroborar a submissão da mulher, associando-a a atividades ligadas ao feminino, como, por exemplo, o cuidado com os familiares e afazeres domésticos. Já o sexismo é a discriminação fundamentada no gênero. Ambos são usados para estabelecer a diferença entre os gêneros. Foi possível perceber estes comportamentos, como nos seguintes exemplos:

[SD25] “Creio que uma das maiores dificuldades é **quebrar a cultura do clube do bolinha**, (...) eles possuem uma **falsa percepção de que as mulheres são muito sentimentais ou inocentes**.” (Egressa de 2013)

[SD66] “[Sobre o ensino remoto emergencial sendo mulher] Sim, existe a diferença, porque eu **sempre tô ocupada com tarefas domésticas, além das acadêmicas**, sendo que percebo que muitos dos homens têm tempo livre pra se dedicar somente aos estudos.” (Ingressante de 2015)

As SDs correspondentes a este núcleo discursivo ocupam 28 comentários transitando entre os 5 tipos destacados e revelam a presença de construções sociais,

históricas e ideológicas simbolicamente estruturadas que, além de naturalizar tais processos, fortalece o imaginário social acerca do ser mulher [Bourdieu 2002].

### 5.3 Objetificação feminina

Este tipo de preconceito reduz a mulher à sua aparência física, rotulando-a como nas frases “Computação é que nem navio pirata: só tem homem e canhão”, “belas ignorantes” e “feias competentes” [Ramos e Figueiredo 2018]. Seguem frases que apresentam estes sentidos:

[SD09] *“Comentários irônicos e “risadinhas” quando se discute tarefas de programação.” (Ingressante de 2017)*

[SD15] *“No dia da minha aprovação um “amigo” chegou pra mim e disse: Não sabia que tu era nerd e que gostava de estudar.” (Ingressante de 2016)*

Este tipo de preconceito se desdobra em outro, conforme a seguir.

#### 5.3.1 Ridicularização feminina (*Slut-shaming*)

É a intensificação da objetificação feminina através de tratamentos pejorativos quanto ao comportamento da mulher que se encontra fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, tendo em vista que esta se organiza a partir do modelo patriarcal, compreendendo formas de vestimenta, condutas, aparência física e ainda às manifestações sexuais:

[SD21] *“(…) logo no início do curso (…) em um dos dias de aula estava especialmente quente na cidade e o ar do laboratório estava em manutenção, então fui de short pra universidade, nisso no meio da aula (durante a explicação de um professor) um aluno falou bem alto que por eu estar de short e sentar sempre na frente poderia desconcentrar o professor. E desde então me privei totalmente de usar roupa curta para ir pra universidade.” (Egressa de 2013)*

O relato exposto evidencia elementos que sinalizam para a subclasse identificada, sendo que foi possível agrupar um total de 14 sequências discursivas enquadradas nessa subcategoria pertencentes aos tipos de comentários: *preconceito de gênero, dificuldades no curso e diferença no desempenho*.

Nota-se pelas SDs a presença de formações discursivas que revelam o assujeitamento ideológico [Pêcheux 2011] destes sujeitos ao reproduzirem discursos estereotipados.

### 5.4 Deslegitimação feminina

O discurso para deslegitimar a fala da mulher está fortemente presente:

[SD16] *“Passei por grupos que basicamente não podia dar minha opinião (…) e quando dava opinião mesmo correta não era levada em consideração.” (Ingressante de 2016)*

Nos estudos relacionados [Stocker e Dalmaso 2016; Ramos e Figueiredo 2018], ambos denominam “Desqualificação Profissional”, no entanto percebemos que esta

classificação poderia ser mais abstrata para integrar três tipos de preconceito que deslegitimam a mulher e que são descritos nas subseções a seguir.

#### 5.4.1 Manipulação psicológica (*Gaslighting*)

Tipo de preconceito que faz com que a mulher e todos que a cercam achem que ela foi tomada pela loucura ou incapacidade de compreensão. Este tipo de comportamento provoca na mulher a dúvida sobre si mesma e sobre sua capacidade de percepção da realidade, assim como de aspectos inerentes ao desenvolvimento de seu raciocínio [Stocker e Dalmaso 2016]. Foi possível verificar este sentido no seguinte comentário:

[SD76] “[O impacto do *gaslighting* e a vontade de desistir] (...) por não me achar **capaz de trabalhar na área**, não me sentir **capaz de concluir o curso** (...)” (Ingressante de 2015)

#### 5.4.2 Desqualificação da competência da mulher (*Mansplaining*)

O termo consiste em um homem explicar para a mulher determinado assunto, como se a mesma não fosse capaz de compreender simplesmente pelo fato de ser mulher. Este tipo de comportamento intenciona causar descrédito, anulando seus argumentos, tirando dela a confiança, autoridade e o respeito sobre o que está falando, além de tratá-la como inferior e menos capaz intelectualmente [Stocker e Dalmaso 2016]. Nos relatos, esta conotação surgiu conforme a seguir:

[SD04] *Alguns alunos reclamam das duas professoras que nos deram aula têm a didática ruim, não sabem os assuntos etc, sendo que sempre tivemos aulas boas com elas (...) mas eles sempre arrumam um motivo para implicar (...).*” (Ingressante de 2015)

Assim como foi possível perceber o impacto destes abusos morais em danos emocionais, conforme comentário abaixo:

[SD82] “(...) E por último, **penso que fiz a escolha errada em relação ao curso**, pois não tem nem estágio na cidade para o curso muito menos emprego.” (Ingressante de 2013)

#### 5.4.3 Apropriação de ideias da mulher (*Bropriating*)

Este tipo de comportamento masculino retira o protagonismo da mulher, pois ocorre quando a mulher não é ouvida ao expor suas ideias, mas tem o seu raciocínio utilizado por um homem, repetindo exatamente o que ela disse, e sendo elogiado por isso [Stocker e Dalmaso 2016]. Nos discursos foi possível perceber situações destas, levando o crédito por ela:

[SD06] “**Nos trabalhos em grupo eu sempre ficava com a maior parte** ou se eu não fosse atrás ninguém fazia nada e mesmo assim já me contaram que meus parceiros de grupo falavam que eu não fazia nada, etc(...)” (Ingressante de 2015)

O *Bropriating* ajuda a explicar, por exemplo, a sub-representação feminina, isto é, a existência de poucas mulheres em posições de liderança dada à naturalização de processos socioculturais. Este núcleo discursivo agrupou 18 SDs perpassando pelos 5 tipos de comentários identificados.

## 5.5 Segregação feminina

A sub-representação feminina e o isolamento provocado pelos homens no curso reforçam o sentimento de solidão vivido por mulheres, criando por si só um ambiente desestimulante e opressor para fortalecer os outros tipos de preconceito anteriores:

[SD81] “(...) Parece exagero, mas **a gente se sente sozinha por várias vezes principalmente quando tem que fazer trabalho em grupo ou atividades em dupla.**” (Ingressante de 2013)

As 23 SDs relacionadas a este núcleo discursivo compreendem os tipos: *preconceito de gênero, dificuldades no curso, diferença de desempenho e fatores influenciadores na desmotivação/desistência do curso.*

## 5.6 Misoginia

A misoginia consiste no desprezo ou repulsa do gênero. Seguem comentários deste tipo:

[SD73] “(...) vejo alguns casos da **preferência dos professores pelos alunos por serem homens.**” (Ingressante de 2019)

[SD20] “(...) a outra aluna engravidou [...] e ela se afastou durante um tempo (...) com isso ela acumulou 4 disciplinas, falamos para ela falar com um professor X (...) e **ele disse que não podia fazer nada por ela. No semestre seguinte esse mesmo professor passou um aluno que tinha acumulado 4 disciplinas, e ia cair de bloco, então o professor deu a oportunidade dele pagar a disciplina "por fora"(...).**” (Egressa de 2013)

É aparente nos relatos a presença de características que apontam para comportamentos misóginos. No decorrer das SDs foram identificadas 16 narrativas que reforçam tal atitude. Observa-se, assim, a conservação de padrões dominantes masculinos que fortalecem condutas que excluem e desvalorizam o sexo feminino [Bourdieu 2002; 1989].

## 5.7 Religiosidade

Apesar de sabermos que muitos dos professores do curso são ateus ou não são muito ligados à religião, houve um comentário chocante que necessita de atenção no futuro e que foi mencionado como uma categoria relevante por Stocker e Dalmaso (2016):

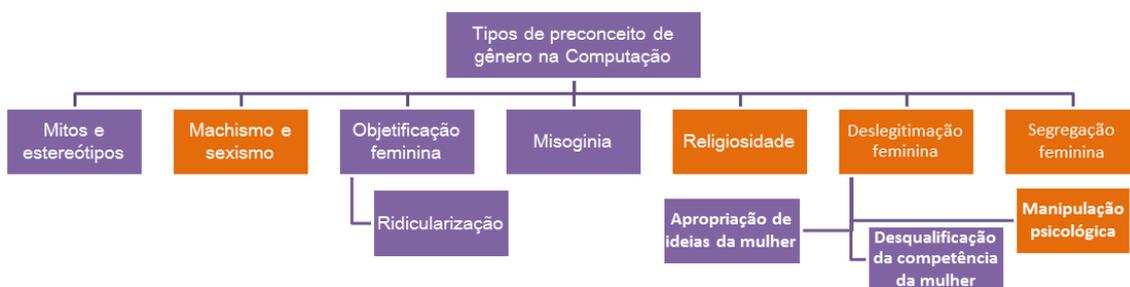
[SD02] “**Já ouvi de um professor que estupro é culpa da vítima (isso devido à crença dele) e ele disse que por mais que isso seja pesado, é verdade.**” (Ingressante de 2015)

A cultura do estupro naturaliza processos de violência contra a mulher em casos de abuso sexual e assédio e, também, reforça comportamentos abusivos e restritivos relacionados ao sexo. Esse padrão de comportamento é, muitas vezes, potencializado pela religiosidade que atua (em muitos casos) como legitimadora de tais discursos sendo possível, portanto, enquadrar a SD 02 nesse núcleo de sentido.

É importante frisar que o conceito de violência simbólica de Bourdieu (2002) explica perfeitamente os preconceitos de gênero relatados pelas meninas na Computação, uma vez que o poder simbólico naturaliza esses processos reforçando tais práticas de forma a perpetuar a dominação do homem sobre a mulher. Assim, todas

essas manifestações de preconceito de gênero relatadas são facetas do poder simbólico sendo exercido em sua máxima completude e, vale salientar, que as 7 classes identificadas perpassaram todos os 5 tipos de comentários ressaltados no decorrer da análise.

Finalmente, como contribuição científica, este estudo propõe a atualização da taxonomia de Ramos e Figueiredo (2018) para os tipos de preconceito destacados em laranja na Figura 2. Os tipos de preconceito de gênero na Computação correspondem a 7 classes, como: Mitos e estereótipos; Machismo e sexismo (classe incluída); Objetificação feminina, que possui a subclasse Ridicularização; Misoginia; Religiosidade (classe incluída); Deslegitimação feminina (classe alterada), a qual agrega as subclasses Apropriação de ideias da mulher, Desqualificação da competência da mulher e Manipulação psicológica (classe reposicionada); e Segregação feminina (classe incluída).



**Figura 2. Proposta de atualização da Taxonomia de Ramos e Figueiredo (2018).**

## 6. Conclusões

Este estudo buscou mapear as situações de preconceito de gênero existentes no curso de EC da UFPA/Campus Tucuruí com base nos relatos das alunas. A análise dos relatos também contribuiu para atualização da taxonomia proposta por Ramos e Figueiredo (2018) à medida que identificou novas categorias de preconceito de gênero na área, o que oportuniza a compreensão mais ampla desse fenômeno.

Além de desvelar uma realidade que confirma o gendramento do conhecimento nas escolhas de cursos de nível superior já assinalado pelos estudos de Pinto, Carvalho e Rabay (2017), os relatos evidenciaram a existência de práticas discursivas que reforçam a desigualdade de gênero observada em ambientes tidos como masculinos. Essa realidade é agudizada, sobretudo, pelo fenômeno da despolitização que fragmenta e fragiliza o debate acerca de questões tão importantes para a formação humana e, assim, potencializam práticas machistas, racistas e homofóbicas, legitimando discursos opressores.

Por fim, como trabalhos futuros, pretendem-se elaborar instrumentos de mapeamento do preconceito de gênero em cenários acadêmicos, assim como ampliar a coleta de dados através de diferentes fontes, como mensagens instantâneas, entrevistas, observações, etc. para identificar também aspectos simbólicos, implícitos e não ditos, que estão ligados a uma estrutura de poder que institucionaliza a segregação das mulheres nos espaços acadêmicos.

## Referências

- Amaral, M. A., Emer, M. C. F. P., Bim, S. A., Setti, M. G., Gonçalves, M. M. (2017) “Investigando questões de gênero em um curso da área de Computação”, *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(2): 562, maio-agosto.
- Bloodhart, B., Balgopal, M. M., Casper, A. M. A., Sample, L. B. M., Fischer, E. V. (2020) Outperforming yet undervalued: Undergraduate women in STEM. *PLoS ONE*, 15(6): e0234685.
- Bourdieu, P. (2002), *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1989), *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- CIAC - Centro de Registro e Indicadores Acadêmicos da UFPA (2020) “Dados sobre a evasão dos discentes ingressantes no período de 2013-2019 do curso de engenharia de computação – Tucuruí”, <https://bityli.com/W36Lt>
- Lobo, A. (2016) “Mulheres precisam entrar na TI e ir além da programação”, <http://www.sbc.org.br/2-uncategorised/1903-mulheres-precisam-entrar-na-ti-e-ir-alem-da-programacao>.
- Mello, A., Melo, A., e Ferrão, I. (2019) “Uma análise sobre questões de gênero nos cursos de Computação do município de Alegrete/RS”. In *Anais do XIII Women in Information Technology*, pag. 61-68. Porto Alegre: SBC.
- Pêcheux, M. (2011) Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise de Discurso na França). In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados. Campinas: Pontes.
- Pinto, E. J. S., De Carvalho, E. P., e Rabay, G. (2017) “As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores”. *Revista Tempos e espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 10, n. 22, pag. 47-58, maio/ago.
- Oliveira, B. C., Boscaroli, C., Pereira, E. N., Souza, G. M., e Torres, L. (2017) “Egressas de Ciência da Computação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná: o que veio depois?”, In *Anais do XI Women In Information Technology (WIT)*, Sociedade Brasileira de Computação, São Paulo/SP.
- Ramos, S. B., Figueiredo, K. S. (2018) “Uma taxonomia dos tipos de preconceito enfrentados por mulheres na área de tecnologia”, In *Anais do XII Women In Information Technology (WIT)*, Porto Alegre: SBC, Natal/RN.
- Silva, U. F., Ferreira, D. Ambrósio, A. P. L., Oliveira J. L. S. (2020) "Percepções de alunos de graduação sobre gênero em Ciência da Computação", In *Anais do IX Congresso Brasileiro de Informática da Educação (CBIE)*, pag. 632-641, Natal/RN.
- Souza, J. J. (2017) “Mulheres na TI: Análise da Inserção e Situação das Mulheres na Área de Tecnologia da Informação na Grande Florianópolis”, Trabalho de Conclusão de Curso. Sistemas de Informação da Universidade Unisul. Palhoça, SC.
- Stocker, P. C., Dalmaso, S. C. (2016) "Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha". *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(3): 398, setembro-dezembro.